

**Os gêneros discursivos como ferramentas educacionais para desenvolver a
competência leitora crítica**

Speech genres as educational tools to develop critical reading competence

Ericles Souza Alves

UEPB

Fabíola Gonçalves

UEPB

Resumo: Os gêneros discursivos são formas convencionais de se produzir discursos, moldados pelas práticas sociais e culturais de uma determinada comunidade. Assim, este artigo tem como objetivo discutir a relação entre gêneros discursivos e formação leitora, destacando a importância do conhecimento dos diferentes gêneros discursivos para a formação de leitores críticos e proficientes, a partir da problemática de abordagem dos gêneros discursivos nas práticas pedagógicas em sala de aula, através das vivências de leitura. Visto que a não abordagem acerca deles pode contribuir para a perpetuação de desigualdades sociais e culturais, uma vez que o conhecimento dos diferentes gêneros discursivos é fundamental para o acesso a diferentes esferas de atividade social. Diante disso, metodologicamente, esse estudo trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, por meio de um levantamento bibliográfico e documental, com base em um delineamento exploratório, o qual sustenta esta discussão ancorada às ideias de Bakhtin (2011), bem como aos pressupostos apresentados pela Base Nacional Comum Curricular (2018), Koch e Elias (2022) e Kleiman (2013), entre outros. Por fim, os resultados alcançados apresentam que este objeto de estudo pode contribuir para a compreensão da relação entre linguagem, cultura e educação, para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes e inclusivas, e como essas percepções e atitudes podem influenciar a formação leitora dos estudantes no contexto escolar.

Palavras-chave: gêneros discursivos; leitura; formação leitora; práticas pedagógicas.

Abstract: Discursive genres are conventional ways of producing discourses, shaped by the social and cultural practices of a given community. Thus, this article aims to discuss the relationship between discursive genres and reader formation, highlighting the importance of knowledge of different discursive genres for the formation of critical and proficient readers, based on the problem of approaching discursive genres in pedagogical practices in the classroom, through reading experiences. Since not approaching them can contribute to the perpetuation of social and cultural inequalities, since knowledge of different discursive genres is fundamental for access to different spheres of social activity. Therefore, methodologically, this study is a qualitative research, through a bibliographic and documentary survey, based on an exploratory design, which sustains this discussion anchored to the ideas of Bakhtin (2011), as well as to the assumptions presented by the National Common Curricular Base (2018), Koch and Elias (2022) and Kleiman (2013), among others. Finally, the results show that this object of study can contribute to understanding the relationship between language, culture and education, to the development of more effective and inclusive pedagogical practices, and how these perceptions and attitudes can influence the reading formation of students in the school context.

Keywords: discursive genres; reading; reading training; pedagogical practices.

Recebido em 31 de julho de 2023

Aprovado em 20 de dezembro de 2023.

Introdução

Quando utilizamos a língua em situações sociais, construímos significados a partir de um conjunto de informações que vão além das palavras isoladas. Além do significado das palavras, outros elementos como a organização textual, os aspectos visuais e gráficos, a entonação, os gestos e expressões faciais, por exemplo, podem influenciar o sentido do texto.

Essa complexidade na construção do sentido de um texto ocorre porque a língua é utilizada em contextos sociais e culturais específicos, que afetam a maneira como interpretamos as mensagens. Por isso, para compreender plenamente um texto, é preciso considerar as características do contexto em que ele foi produzido, bem como as características do público para o qual foi dirigido. Dessa forma, a abordagem leva em conta o caráter dinâmico da linguagem, que está em constante evolução e adaptação às mudanças sociais, culturais e tecnológicas.

Nessa perspectiva, uma das principais contribuições da teoria bakhtiniana para a compreensão da linguagem é o de conceber o gênero discursivo como uma forma socialmente reconhecida de utilização da linguagem, que engloba não apenas as formas literárias tradicionais, mas também as formas cotidianas de comunicação, como as conversas informais, os e-mails, os textos jurídicos, os discursos políticos, entre outros.

Segundo Bakhtin (2011), cada gênero discursivo possui suas próprias características, tais como estrutura, estilo, vocabulário, finalidade comunicativa, entre outras. Além disso, o gênero discursivo é influenciado pelo contexto social em que é utilizado, o que significa que a mesma forma de linguagem pode adquirir diferentes sentidos em diferentes contextos.

Diante disso, a problemática abordada aqui trata da necessidade de abordagem dos gêneros discursivos nas práticas pedagógicas em sala de aula, através das vivências de leitura. Visto que, essa especificidade pode prejudicar a formação leitora dos estudantes, tornando-os incapazes de compreender e interpretar adequadamente os textos que circulam na sociedade. Além disso, a não abordagem acerca deles nas práticas pedagógicas pode contribuir para a perpetuação de desigualdades sociais e culturais, uma vez que o conhecimento dos diferentes gêneros discursivos é fundamental para o acesso a diferentes esferas de atividade social.

Assim, o objetivo deste artigo é discutir a relação entre gêneros discursivos e a formação leitora, como ferramentas propícias para práticas de leitura, além do conteúdo programático, as competências emocionais, sociais e afetivas do aluno, em uma contribuição ativa para a formação de cidadãos críticos, ecumênicos e solidários, com a finalidade de identificar como essas vivências podem estimular essa formação integral na educação básica. Para isso, serão abordados os conceitos de língua e linguagem, conforme Bakhtin (2011), os pressupostos apresentados pela Base Nacional Comum Curricular (2018), bem como a compreensão sobre os gêneros discursivos discutida por Marcuschi (2008) e Koch e Elias (2022), tal como às ideias sobre formação leitora segundo Aguiar (1996), Freire (2003-2019) e Kleiman (2013).

Propomos uma argumentação de que o conhecimento dos diferentes gêneros discursivos é fundamental para a formação leitora, uma vez que permite aos leitores compreender e interpretar de maneira adequada os textos que circulam na sociedade. Além disso, destacamos a importância da escola na formação de leitores competentes, por meio da promoção de atividades que permitam aos estudantes conhecer e se apropriar destes diferentes gêneros. Portanto, metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e exploratório, desenvolvida através de levantamento bibliográfico e documental.

Por fim, este artigo está dividido em três partes, sendo elas: uma discussão sobre a relação entre língua e linguagem, visto que as interações linguísticas pressupõem capacidade de compreensão dos diversos textos; posteriormente, um recorte sobre a leitura na escola e a sua ativação prévia e em último plano, ressaltamos a importância da reflexão crítica sobre os gêneros discursivos na formação de leitores capazes de protagonizar a construção do saber e no esforço pela transformação de suas realidades pessoais e coletivas.

1 Discussão teórica

1.1 Língua e linguagem: interações linguísticas pressupõem capacidade de compreensão dos diversos textos

A relação entre língua e linguagem é um tema central em diversas teorias linguísticas. A maioria dessas teorias entende que a língua é uma manifestação da linguagem, que é um fenômeno mais amplo e abrange outras formas de expressão, como gestos, imagens e sons. No universo dos estudos da linguagem, as discussões sobre as

implicações discursivas contidas nas expressões textuais orais e escritas são constantes, defendendo que o domínio da língua por seus falantes deve transcender os limites da materialidade linguística e adentrar o campo da produção de sentidos. Isso porque entender e compreender suas percepções e intenções no mundo tem sido uma prática de fundamental importância para o progresso do ser humano desde os primórdios da humanidade. Nesse processo, o protagonista é a linguagem em seu escopo multifacetado.

Segundo os pressupostos teóricos da Linguística, a língua é um sistema de signos convencionalmente estabelecido em uma comunidade linguística. Assim, ela é um produto histórico e, ao mesmo tempo, uma unidade idealizada, devido à impossibilidade de alcançar, na realidade, uma língua que se quer homogênea, unitária. Esses signos são compostos por unidades mínimas de significado, os morfemas, e por unidades mínimas de som, os fonemas (BECHARA, 2009). A língua é considerada, portanto, uma estrutura abstrata que se materializa na fala e na escrita. Por sua vez, a linguagem é vista como um fenômeno mais amplo, que engloba não só a língua, mas também outras formas de expressão.

A linguagem é a capacidade humana de criar e usar sistemas simbólicos para se comunicar, compreender e expressar ideias, pensamentos e emoções. Dessa forma, a linguagem não se limita à expressão verbal, mas abrange também gestos, expressões faciais, imagens, música, entre outras formas de expressão (VIGOTSKI, 2007, p. 130-133). Portanto, o processo de internalização/apropriação é mediado interações sociais e intercomunicações nas quais a linguagem é básico, esse processo se dá a partir das relações sociais internalizado.

Conforme Bakhtin (2011), existe uma abordagem particular sobre a relação entre língua e linguagem. Para ele, a linguagem é uma atividade social fundamentalmente dialógica, ou seja, um processo de interação entre diferentes vozes.

A verdadeira substância da língua não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra 'diálogo' num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2011, p. 125).

Ele destaca que a linguagem é plural, ou seja, é capaz de gerar múltiplos sentidos e interpretações. Isso ocorre porque a linguagem é formada por diferentes vozes que se entrecruzam na comunicação. Cada falante traz consigo suas próprias experiências, perspectivas e ideologias, que se manifestam na forma como ele usa a língua para se comunicar.

Assim, a compreensão de um texto depende não só da língua utilizada, mas também do contexto social e histórico em que ele foi produzido, das vozes que nele se manifestam e das vozes que o leitor traz consigo. Além disso, o enunciado é sempre modulado pelo locutor para questões sociais, históricas, cultural e ideológica se caso contrário, ele não o entenderá. Visto que, o conhecimento da língua só é feito no enunciado quando ele realmente existe, e a interação entre *eu* e o *outro*. A linguagem é usada na forma de enunciados (orais e escrita) concreta e única, falada por membros desta ou esse ramo da atividade humana (BAKHTIN, 2011).

Diante disso, de acordo com a perspectiva sociointeracionista,¹ a linguagem é uma prática social que se desenvolve a partir das interações entre os indivíduos. A língua é vista, nesse contexto, como um recurso que os falantes utilizam para se comunicar em diferentes contextos sociais. Através das interações linguísticas, os indivíduos desenvolvem uma competência comunicativa que lhes permite compreender e produzir diferentes tipos de textos em diferentes situações comunicativas. A compreensão dos textos depende não só da língua utilizada, mas também do contexto social e histórico em que eles foram produzidos e das vozes que neles se manifestam (KOCH, ELIAS 2022).

Sobre isso, Marcuschi (2008) vai nos apresentar algumas posições acerca dessa compreensão textual:

Texto como prática social: a compreensão dos textos não pode ser dissociada da prática social em que eles são produzidos e interpretados. Isso significa que a compreensão dos textos depende do contexto social, histórico e cultural em que eles estão inseridos;

Texto como atividade interativa: a compreensão dos textos é uma atividade interativa entre o leitor e o texto. Isso implica que a interpretação do texto é influenciada pelas expectativas, conhecimentos prévios e experiências do leitor, assim como pelas características do próprio texto;

Leitura como processo ativo: a leitura não é um processo passivo de decodificação do texto, mas sim um processo ativo de construção de significado. Isso significa que a

¹ A perspectiva sociointeracionista é uma abordagem teórica que tem como foco o estudo da interação social e da linguagem como uma prática social e histórica. Dentre os teóricos que contribuíram para o desenvolvimento dessa abordagem, podemos citar: Lev Vygotsky, Jerome Bruner, Michael Halliday e Bakhtin.

compreensão dos textos envolve a mobilização de habilidades cognitivas complexas, como inferência, predição, contextualização, entre outras;
Variedade de leitores e textos: a compreensão dos textos é influenciada pela variedade de leitores e textos. Isso significa que a compreensão de um mesmo texto pode variar de acordo com as características do leitor e do contexto em que ele é lido. (MARCUSCHI, 2008, p. 228-256).

Esses pressupostos teóricos têm em comum o enfoque na compreensão dos textos como uma prática social e interativa, que envolve a mobilização de habilidades cognitivas complexas. Além disso, o autor destaca a importância do contexto social e cultural na compreensão dos textos e da variedade de leitores e textos na sua interpretação.

Refletindo então, a relação entre texto e leitura é fundamental para a compreensão da linguagem escrita. O texto é o produto final da produção escrita, é o resultado da seleção, organização e disposição de palavras, frases e parágrafos que transmitem uma mensagem ou um conjunto de mensagens. Já a leitura é a atividade de interpretar e compreender o que foi escrito no texto, buscando sentido e significado nas palavras, frases e parágrafos (KOCH, ELIAS 2022).

Assim, podemos afirmar que a leitura é um processo de construção de significado a partir do texto. A compreensão de um texto depende de vários fatores, como a habilidade do leitor em decodificar as palavras, a capacidade de compreender a estrutura do texto e o conhecimento prévio que o leitor tem sobre o assunto abordado. Para Kleiman (2013):

A leitura não deve ser vista como uma atividade passiva, em que o leitor simplesmente recebe informações do texto. Ao contrário, a leitura é uma atividade ativa em que o leitor deve interagir com o texto, realizando inferências e estabelecendo relações com seus conhecimentos anteriores. Assim, o texto não é um objeto neutro e que sua interpretação depende do contexto em que é produzido e recebido. Por isso, é importante considerar não apenas o texto em si, mas também as circunstâncias em que ele foi produzido e as expectativas do leitor em relação ao texto. (KLEIMAN, 2013, p. 16-25).

Dessa maneira, o texto também influencia a leitura, uma vez que sua estrutura, organização e disposição das informações podem facilitar ou dificultar a compreensão por parte do leitor. Por isso, é importante que os textos sejam escritos de forma clara e objetiva, utilizando-se de recursos como a coerência, coesão e o uso adequado da pontuação para tornar a leitura mais fluída e compreensível. Nessa perspectiva, Koch e Elias (2022) destacam que:

A coerência se refere à relação lógica entre as informações apresentadas no texto, enquanto a coesão diz respeito à conexão entre as palavras, frases e parágrafos que compõem o texto. Ela é construída a partir da organização das informações no texto, de modo que elas se relacionem de forma lógica e coerente. Para isso, o autor deve

levar em consideração o conhecimento prévio do leitor e apresentar as informações de forma clara e objetiva, evitando contradições ou informações ambíguas que possam prejudicar a compreensão do texto. Já a coesão é responsável por estabelecer conexões entre as palavras, frases e parágrafos do texto, tornando-o mais fluido e coeso. Isso é feito por meio do uso adequado de conectivos, pronomes, sinônimos e outros recursos que ajudam a conectar as ideias e tornar a leitura mais agradável e compreensível. (KOCH, ELIAS 2022, p. 186-208).

A relação entre texto e leitura é de interdependência. A compreensão de um texto depende da capacidade de leitura do indivíduo, assim como a elaboração de um texto eficiente depende da compreensão das características dos leitores e de suas necessidades.

1.2 Leitura na escola e a sua ativação prévia

A leitura na escola é um tema de extrema importância, pois é através dela que os estudantes têm acesso ao conhecimento e desenvolvem diversas habilidades, como a compreensão textual, a interpretação de diferentes gêneros textuais e a capacidade de expressar suas ideias por escrito.

Para que a leitura seja efetiva na escola, é preciso que ela seja trabalhada de forma sistemática e estruturada, desde o ensino fundamental até o ensino médio. Isso inclui a escolha de textos adequados para cada faixa etária, o desenvolvimento de atividades que estimulem a compreensão e a interpretação dos textos, e a criação de um ambiente propício, que estimule o interesse dos alunos pelo hábito da leitura. Além disso, é importante que a leitura seja vista como uma atividade prazerosa e não apenas como uma obrigação escolar. Para isso, os professores devem incentivar a leitura de textos que sejam do interesse dos alunos e que possam despertar sua curiosidade e imaginação.

Para Aguiar (1996), a leitura é um processo complexo que envolve não apenas a decodificação das palavras, mas também a compreensão e interpretação do texto. Segundo a autora, a leitura é uma atividade que permite ao leitor estabelecer uma relação entre o texto e seu conhecimento prévio, suas experiências e suas emoções.

Ela ainda enfatiza a importância de uma leitura crítica e reflexiva, que permita ao leitor analisar e interpretar o texto a partir de diferentes perspectivas. Para isso, é preciso que o leitor esteja atento aos aspectos formais do texto, como a organização dos parágrafos, a utilização de recursos linguísticos, a estruturação das ideias, entre outros, destacando a importância da leitura na formação do pensamento crítico e na construção da identidade do leitor. Através da leitura, o leitor tem acesso a diferentes perspectivas e pontos de vista, o que pode contribuir para sua formação pessoal e social. É preciso que

a escola e os professores incentivem a leitura e ofereçam um ambiente propício para o desenvolvimento da habilidade leitora.

Já para Marcuschi (2008), a leitura é uma atividade complexa que envolve não apenas a decodificação das palavras, mas também a compreensão e a interpretação do texto. Segundo o autor, a leitura é um processo interativo entre o leitor e o texto, em que o leitor constrói significado a partir das informações contidas no texto e de seu conhecimento prévio.

Ele ainda destaca a importância da leitura como uma habilidade fundamental para a vida em sociedade, pois permite que o leitor tenha acesso a diferentes informações e conhecimentos. Além disso, a leitura contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, da imaginação e da criatividade. A leitura é uma atividade ativa e dinâmica, em que o leitor constrói significado a partir do texto e de suas experiências de vida (MARCUSCHI, 2008).

Nessa assertiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998) definem a leitura como uma habilidade fundamental para a vida em sociedade, pois permite o acesso à informação e ao conhecimento, a comunicação e a construção de significados. Segundo esses documentos, a leitura é uma atividade que envolve não apenas a decodificação das palavras, mas também a compreensão, a interpretação e a reflexão sobre o texto. Assim, é importante uma leitura crítica e reflexiva, que permita ao leitor analisar e interpretar o texto a partir de diferentes perspectivas.

Portanto, percebemos a necessidade e importância da ativação da leitura de maneira prévia, como bem destacam Koch e Elias (2022, p. 10), que “deve ser vista como uma etapa fundamental no processo de leitura, pois ajuda a preparar o leitor para a compreensão e interpretação do texto, tornando-o mais acessível e atraente.

Para Koch e Elias (2022), a ativação da leitura prévia consiste em preparar o leitor para a leitura, buscando estimular o seu interesse e a sua curiosidade sobre o texto. Essa preparação pode envolver desde a escolha do texto adequado ao leitor até a utilização de estratégias que facilitem a sua compreensão e interpretação. As estratégias de ativação da leitura prévia incluem: estimular a leitura do leitor, contextualizar o texto, utilizar recursos visuais e auditivos e promover a interação entre os leitores.

Porém, atualmente, ainda há diversos fatores que interferem para um trabalho eficiente na construção leitora na escola, seja pela falta de formação por parte dos professores, como também a falta de interesse dos estudantes. Todavia, é importante

destacar que a leitura precisa ser desenvolvida por meio do engajamento dos sujeitos envolvidos nesse processo, buscando estratégias e recursos que se adequem às necessidades e características do fazer pedagógico. Enxergando-a, assim, como prática social, e precisa ser incentivada ao buscar relações entre a leitura e as vivências e experiências dos alunos, uma vez que essa prática contribui para a formação de leitores mais críticos e engajados socialmente.

1.3 Reflexões críticas sobre os gêneros discursivos na formação de leitores críticos e proficientes

A questão dos gêneros discursivos na formação de leitores críticos e proficientes é uma temática que tem sido amplamente discutida e debatida na área da educação nos últimos anos. De maneira geral, a abordagem dos gêneros discursivos tem se mostrado uma estratégia eficaz para o desenvolvimento da leitura crítica e da compreensão textual dos alunos.

Para Marcuschi (2008), os gêneros são formas de linguagem que se caracterizam por seu uso social e por sua estabilidade em determinados contextos de interação. Segundo ele, os gêneros discursivos não são apenas formas fixas de texto, mas sim práticas sociais complexas que envolvem a produção e a recepção de mensagens. Eles devem ser estudados a partir de uma perspectiva sociointeracionista, ou seja, levando em consideração o contexto em que são produzidos e recebidos, as intenções comunicativas dos participantes e as normas culturais e linguísticas que regem o uso desses gêneros (MARCUSCHI, 2008).

Koch e Elias (2022) argumentam que o estudo dos gêneros é essencial para a formação de leitores críticos e competentes, pois permite que os alunos desenvolvam habilidades de compreensão e produção textual que serão úteis em diferentes situações da vida social. Essas formas de linguagem são fundamentais para a comunicação humana e para a construção de sentido em contextos específicos de interação social. É importante que os alunos aprendam a identificar as intenções e os valores presentes nos textos. A abordagem dos gêneros discursivos na sala de aula deve ser crítica e reflexiva, levando em consideração a função social e ideológica dos textos em diferentes contextos.

No entanto, é importante ressaltar que a simples utilização destes gêneros não é suficiente para garantir a formação de leitores críticos e proficientes. É necessário que haja uma abordagem crítica e reflexiva sobre eles, levando em consideração a sua função

social, histórica e cultural (MARCUSCHI, 2008). Além disso, é fundamental que a escola tenha um projeto pedagógico que contemple a formação de leitores críticos e proficientes, e que essa formação esteja presente em todas as disciplinas do currículo escolar, e não apenas em português ou literatura (BNCC, 2018).

Outro ponto importante é a necessidade de se considerar a diversidade cultural e social dos alunos na abordagem dos gêneros discursivos. É importante que os alunos tenham acesso a uma variedade de gêneros discursivos que reflitam a sua realidade e a sua cultura, e não apenas aqueles considerados “clássicos” ou “tradicionais” (MARCUSCHI, 2008).

É necessário ainda que a abordagem dos gêneros discursivos esteja associada a práticas pedagógicas que permitam a construção de sentidos e significados pelos alunos, a partir de suas próprias experiências e conhecimentos prévios. A leitura crítica e a compreensão textual não podem ser vistas como um processo passivo, mas sim como um processo ativo e reflexivo, em que o leitor é protagonista na construção do sentido do texto (FREIRE, 2003). A leitura da realidade social e suas circunstâncias, como um elemento do processo educativo, reflete outras vias e propostas em que o ser humano emerge como protagonista e autor de seus rumos.

[...] educar é construir, é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. É um ‘ensinar a pensar certo’ com quem “fala com a força do testemunho”. É um “ato comunicante, co-participado”, de modo algum produto de uma mente ‘burocratizada’. No entanto, toda a curiosidade de saber exige uma reflexão crítica e prática, de modo que o próprio discurso teórico terá de ser aliado à sua aplicação prática. (FREIRE, 2019, p. 52).

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) divide os gêneros discursivos em cinco grandes grupos: texto narrativo, texto descritivo, texto explicativo, texto argumentativo e texto injuntivo. Cada um desses grupos é composto por diversos subgêneros, que apresentam características próprias e são utilizados em diferentes situações de comunicação. Por exemplo, o grupo de textos narrativos inclui subgêneros como contos, crônicas, fábulas e lendas, enquanto o grupo de textos argumentativos inclui subgêneros como editorial, artigo de opinião e discurso político.

De acordo com o documento, os gêneros discursivos são categorias de textos que se caracterizam por sua finalidade comunicativa, seu contexto de produção e suas características composicionais e estilísticas. reconhecendo assim a importância dessas formas de linguagem para a comunicação e a produção de sentido em diferentes

contextos. (BRASIL, 2018). O estudo dos gêneros discursivos é fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, pois permite que estes compreendam a finalidade, o contexto e as características de diferentes tipos de textos, desenvolvam habilidades de produção textual e se tornem leitores e produtores críticos e competentes.

Assim, o documento reconhece a importância dos gêneros discursivos como uma categoria fundamental para a formação de leitores e produtores de textos competentes e críticos, e defende que essas formas de linguagem devem ser estudadas de forma contextualizada e crítica, levando em consideração sua função social e ideológica em diferentes contextos de comunicação (BRASIL, 2018).

À vista disso, a relação entre sujeito leitor e gêneros discursivos é complexa e multifacetada, envolvendo aspectos culturais, sociais, políticos e pedagógicos. Os sujeitos são capazes de se apropriar dos gêneros, recriando-os e adaptando-os a diferentes contextos e objetivos comunicativos (MARCUSCHI, 2008). Ao mesmo tempo, os gêneros discursivos são estruturas sociais que refletem e moldam as práticas comunicativas de uma determinada cultura.

Para Bakhtin (2011), o sujeito é um agente ativo na produção de sentido, que utiliza os gêneros discursivos como formas convencionais de se expressar e interagir com os outros. Ou seja, compreendemos que o leitor é capaz de se apropriar dos gêneros e (re)contextualizá-los, tornando-os flexíveis e adaptáveis a diferentes situações comunicativas. Essa vinculação é dialógica, ou seja, o leitor dialoga com o gênero, recriando-o e inovando-o de acordo com suas necessidades e objetivos.

Assim, os gêneros discursivos são formas convencionais de se produzir discursos, moldados pelas práticas sociais e culturais de uma determinada comunidade. Dessa forma, o sujeito leitor utiliza-se deles como ferramentas para produzir sentido e interagir com os outros, ao mesmo tempo em que os transforma e adapta a novas situações comunicativas, justamente porque a ação de leitura promove a construção do ser humano a partir da capacidade crítica de fazer perguntas e libertos de ideologias que buscam quebrar as condições éticas de construir uma sociedade mais justa e solidária (FREIRE, 2019). Dessa maneira, a vivência leitora com os gêneros discursivos expande seu significado quando se torna uma ferramenta fundamental para a posição do ser diante da realidade social que o cerca.

2 Caminho metodológico

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, por trabalhar com dados subjetivos, crenças e valores (MINAYO, 2001, p. 14)). Assim, realizamos uma revisão bibliográfica para compreendermos os pressupostos teóricos que discutem os gêneros discursivos e a formação do leitor, a partir de um estudo exploratório (GIL, 2019). Já na elaboração das reflexões e descrições, fez-se a opção por uma triangulação das fontes consultadas, conforme descrito no quadro a seguir.

Quadro 1 - Triangulação das fontes consultadas

<ul style="list-style-type: none"> Levantamento dos fundamentos teóricos que dialogam acerca dos gêneros discursivos;
<ul style="list-style-type: none"> Compreensão teórica sobre leitura e sua funcionalidade social;
<ul style="list-style-type: none"> Relações teóricas que sustentam o trabalho docente com os gêneros discursivos em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2023).

Aqui, constatamos uma descrição das fontes utilizadas para o embasamento teórico deste estudo, bem como os pressupostos que sustentam a proposta aqui apresentada.

3 Debruçando e dialogando com os resultados

A retomada de estudos desenvolvidos sobre os gêneros discursivos como ferramentas possíveis para desenvolver a competência leitora reflete diretamente a análise de como professores têm trabalhado e feito o uso deles em sala de aula, dando ênfase à importância atribuída ao ensino e à aprendizagem da leitura e escrita, bem como a busca por abordagens mais eficazes nesse processo.

Bakhtin (2011, p. 268) destaca que "todos os enunciados e seus tipos, ou seja, os gêneros discursivos, atuam como conexões entre a história da sociedade e a história da linguagem". Ele enfatiza que nenhum fenômeno novo (léxico-gramatical) pode ser integrado ao sistema da língua sem passar por um complexo e extenso processo de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. Considerando, sobretudo, os avanços científicos e sociais nas últimas décadas, a variedade e a configuração dos gêneros discursivos têm sido modificadas de acordo com as necessidades da sociedade contemporânea.

Segundo Bakhtin (2011), todas as formas da língua e as características típicas dos enunciados, ou seja, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e consciência em conjunto, estando intimamente interligadas. Bakhtin (2011, p. 283) afirma, ainda, que

[...] aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas).

É evidente que, para o autor, nosso discurso assume as formas dos gêneros, que são flexíveis e estreitamente dependentes do sujeito e do contexto de produção, caracterizados por três elementos orgânicos do enunciado. O primeiro elemento, de acordo com Bakhtin (2011), é a exauribilidade semântico-objetual do tema do enunciado, que se refere ao conteúdo temático. Nesse sentido, o conteúdo carrega as intenções comunicativas e as necessidades sociais e interativas dos sujeitos nos contextos das práticas de leitura e de escrita, determinando o papel e o lugar sociais de cada indivíduo.

O segundo elemento está relacionado à intenção discursiva, que define a fronteira e o volume do gênero, ou seja, seu estilo. Em essência, o estilo envolve a escolha das unidades linguísticas características de cada gênero.

Por fim, as formas típicas composicionais referem-se à organização estrutural do texto. A escolha do gênero é determinada pelo campo da comunicação discursiva, portanto, cada gênero também carrega constituintes básicos e relativamente estáveis, que o situam em um determinado campo da comunicação discursiva.

A partir da década de 1980, o conceito de gênero ganhou maior relevância e assumiu um novo papel na área de Linguística Aplicada². Nesse período, houve um reconhecimento crescente da importância dos gêneros discursivos como unidades fundamentais na análise e no ensino da linguagem.

Anteriormente, os estudos linguísticos e o ensino de línguas estavam mais focados em estruturas gramaticais e vocabulário isolado. No entanto, com o desenvolvimento da Linguística Aplicada e o surgimento da teoria dos gêneros discursivos, passou-se a

² A Linguística Aplicada é uma disciplina da linguística que se dedica ao estudo e aplicação prática dos conhecimentos linguísticos em diversas áreas e contextos da vida humana. Ela busca compreender como a linguagem é utilizada na prática, seja no ensino e aprendizagem de línguas, na comunicação interpessoal, na tradução e interpretação, no uso da linguagem em ambientes profissionais, entre outros. Essa disciplina surgiu como uma resposta à necessidade de conectar os estudos teóricos da linguística com as demandas práticas do uso da linguagem em diferentes situações. Enquanto a linguística tradicional se concentra em analisar as estruturas e propriedades da língua como sistema, a Linguística Aplicada procura investigar como essas estruturas são empregadas pelos falantes em contextos específicos.

entender que a linguagem é profundamente influenciada pelo contexto de uso e pelas práticas sociais em que está inserida.

O conceito de gênero, nesse contexto, passou a englobar uma variedade de tipos de textos que se repetem em situações comunicativas específicas, como artigos acadêmicos, cartas comerciais, notícias jornalísticas, e-mails, entre outros. Cada gênero possui suas próprias características linguísticas, estruturais e retóricas, adequadas ao propósito comunicativo e à audiência.

Com esse enfoque nos gêneros, os estudos de Linguística Aplicada passaram a analisar a linguagem em contextos reais de uso e a considerar as habilidades comunicativas dos falantes em situações cotidianas. Isso teve impacto direto no ensino de línguas, com a abordagem comunicativa se tornando mais difundida, priorizando o desenvolvimento das habilidades comunicativas e a capacidade de compreender e produzir textos em diversos contextos.

Dessa forma, compreendemos que o ensino baseado em gêneros discursivos proporciona aos alunos a oportunidade de compreender como a linguagem é usada em diferentes contextos comunicativos e como os textos são garantidos e organizados para cumprir determinados propósitos, conforme Marcuschi (2008). Assim, por meio dessa abordagem, os professores podem desenvolver atividades que envolvam a leitura e produção de textos em diversos gêneros, estimulando a capacidade de compreensão, interpretação e análise crítica. Além disso, trabalhar com gêneros discursivos também permite aos alunos adquirir habilidades de escrita, pois eles têm a oportunidade de conhecer as características específicas de cada tipo de texto e aprender a produzi-los de forma adequada, segundo Koch e Elias (2022).

Então, Marcuschi (2008) defende a ideia de que a leitura e a escrita devem ser ensinadas e praticadas de forma integrada, uma vez que são habilidades complementares e interdependentes. Ele argumenta que a separação excessiva entre as duas práticas pode levar a uma compreensão limitada e fragmentada do processo de construção de significados. Enfatizando, portanto, a importância de uma abordagem sociointeracionista para o ensino da leitura e escrita, na qual os alunos se engajam em atividades autônomas que refletem o uso real da linguagem.

Já Koch e Elias (2022) apresentam que a articulação entre práticas de leitura por meio dos gêneros discursivos envolve a compreensão dos diferentes tipos de textos presentes na sociedade e a capacidade de identificar e interpretar suas características. Por

exemplo, um aluno precisa saber como ler um artigo de opinião, um relatório científico ou uma notícia de jornal de maneira adequada, compreendendo suas estruturas, propósitos e elementos específicos.

Dessa forma, ao trabalhar com os gêneros discursivos em sala de aula, Koch e Elias (2022) sugerem que os professores explorem as características e convenções dos diferentes gêneros, promovendo uma leitura e análise crítica de textos autênticos. Os alunos devem ser expostos a uma variedade de gêneros discursivos para aprender a reconhecer suas estruturas, propósitos e recursos linguísticos específicos.

No entanto, é importante ressaltar que o trânsito do uso dos gêneros discursivos em sala de aula depende da maneira como são observados pelos professores. É necessário que os docentes tenham um conhecimento sólido sobre os gêneros discursivos e saibam como selecionar e adaptar as atividades de acordo com as características de seus alunos e os objetivos de ensino (MARCUSHI, 2008). Além disso, é fundamental que haja uma articulação entre as práticas de leitura e escrita, de forma a permitir que os alunos aprendam a relação entre os gêneros discursivos e desenvolvam habilidades que possam ser independentes para diferentes situações de comunicação.

Em resumo, estudos sobre os gêneros discursivos como ferramentas para desenvolver a competência leitora refletem a importância atribuída à promoção de práticas de ensino mais contextualizadas e reflexivas, envolvendo atividades que dialoguem com a reflexão sobre a estrutura, o propósito e as características dos textos, ajudando os alunos a se tornarem leitores mais autônomos e críticos. Pois, quando o professor parte dessa concepção, ele está configurando um significado concreto na vida do estudante.

Como bem nos apresenta Silva (2009, p. 65) em seu trabalho sobre a leitura no contexto escolar:

Percebemos que o trabalho de seleção e indicação de textos exige cuidados muito especiais por parte dos professores. Por vários motivos: primeiro – quer queiramos ou não, considerando a autoridade da instituição (escola) e do professor, as crianças tendem a assimilar como verdades os referenciais dos textos aos quais são expostos; nestes termos, se o texto for "mentiroso" (estereotipado, conservador etc.), o leitor estará engolindo uma mentira e não adquirindo uma visão objetiva do assunto; segundo – com raras exceções, os textos que compõem os livros didáticos não atendem aos critérios de revelação objetiva da realidade, sequenciação programática ao redor do aprofundamento de temas específicos e adequação ao repertório linguístico e de vivências dos alunos; terceiro – deve existir, como já falamos, uma coerência entre os objetivos propostos para a educação do leitor e os textos relacionados para leitura; acredito que posso matar o potencial discursivo e

interpretacional dos alunos com textos superficiais, redundantes, fragmentados e/ou pobres em significação. (SILVA, 2009, p. 65).

Portanto, o ato de leitura é, acima de tudo, um ato de conhecimento e criação, no qual o leitor se torna um sujeito criativo na construção do seu saber e assume uma responsabilidade diante da realidade social à qual ele pertence.

Delineamentos finais

A relação entre gêneros discursivos e formação leitora é crucial para o desenvolvimento de habilidades de leitura no contexto escolar. Como vimos, os gêneros discursivos são formas convencionais de se produzir discursos, influenciados por diversos fatores sociais, culturais e históricos. Eles são ferramentas pedagógicas importantes para a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades comunicativas, permitindo aos sujeitos compreender e produzir textos com maior eficácia.

A formação leitora, por sua vez, é um processo contínuo e dinâmico que envolve o desenvolvimento de habilidades, como compreensão, análise e interpretação de textos. Dessa maneira, a leitura de diferentes gêneros discursivos é fundamental para esse desenvolvimento, pois permite aos leitores compreender as características de cada gênero e identificar as estratégias discursivas utilizadas pelos autores.

Além disso, a compreensão dos gêneros discursivos também é importante para a produção de textos, uma vez que permite aos produtores identificar as características e exigências de cada gênero, adequando sua produção às demandas comunicativas de cada contexto. Por isso, é fundamental que os processos de ensino de leitura e produção de texto incluam o estudo dos gêneros discursivos, com o objetivo de desenvolver habilidades críticas e reflexivas nos estudantes, permitindo-lhes compreender e produzir textos com maior eficácia em diferentes contextos comunicativos. Visto que, “Ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto.” (FREIRE, 2003, p. 260).

Dessa forma, podemos concluir que a relação entre gêneros discursivos e formação leitora é fundamental para a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades comunicativas, sendo uma área de estudo importante para a linguística, a educação e a comunicação.

Referências

- AGUIAR, V. T. O leitor competente à luz da teoria da literatura. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 124, v. 5/6, p. 23-34, jan./mar. 1996.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 279-326.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. BNCC. 2018.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos)*. Brasília, 1998.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 74. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GIL, A. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- KLEIMAN, Â. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed., 15. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.
- LUCKESI, C.; COSMA, J.; BAPTISTA, N. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SILVA, E. T. da. *A leitura no contexto escolar*. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=007. Acesso em: 21 jul. 2023.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.